

1 Introdução

Há muito se fala que o futebol brasileiro carece de uma maior atenção na esfera administrativa e que os dirigentes dos principais clubes brasileiros o conduzem de forma amadorística. Ou pior ainda, que se utilizam dos cargos que possuem para angariar ganhos pessoais, quer seja economicamente, quer seja politicamente. A falta de profissionalismo nos clubes de futebol durante tantos anos seguidos hoje se faz refletir principalmente nas grandes dívidas dos principais clubes brasileiros. Ocorre que, com este cenário, é premente a visão da sociedade de forma geral que este universo, que carrega consigo o incômodo estigma da falta de competência, da corrupção, da negociação escusa, dentre outras mazelas, necessita de uma verdadeira mudança de paradigma.

Eis que surge um caminho bastante factível e que pode trazer excelentes resultados para os clubes de futebol; o da adoção das boas práticas de governança corporativa, que originalmente foram formuladas para atingirem às empresas que se encontram listadas nas bolsas de valores ao redor do mundo, mas que não restringem sua utilização a nenhum tipo de organização que queira ter um salto de qualidade.

Para os clubes de futebol, a adoção de boas práticas de governança poderia acarretar numa enorme contribuição para sua profissionalização, com uma grande diminuição de seus problemas administrativos, pois eles experimentariam um modelo mais confiável e preciso, direcionado ao controle interno destas organizações. Haveria pouco espaço para atitudes eticamente duvidosas e uma pré-disposição do mercado e da sociedade em encará-los de forma mais receptiva. Esta atitude pode se constituir em um importante diferencial para os clubes que adotarem as boas práticas pioneiramente, dado que elas ainda não são utilizadas de maneira institucionalizada por estas organizações.

Os estudos sobre governança, de modo geral, têm apresentado resultados sobre as empresas de capital aberto listadas em bolsa. Segundo a *Organisation for Economic Co-operation and Development* – OECD (2005), enquanto o debate sobre governança corporativa tem focado principalmente sobre as companhias listadas nos países com mercados de capitais desenvolvidos, os desafios da governança corporativa em empresas não listadas merecem atenção especial, sobretudo nos países onde os mercados de capitais são menos desenvolvidos.

Na Europa, alguns clubes de futebol já vivenciaram (ou vivenciam) a experiência de ter suas ações negociadas em bolsas de valores, o que caracteriza, ainda que de maneira incipiente, que o conhecimento e a adoção sobre as práticas de governança nestes clubes não seja um assunto tão desconhecido, ainda que não exista uma relação de causalidade entre tais eventos.

No Reino Unido, onde o maior número de clubes experimentou tais investidas (23 clubes no total), a relação entre as boas práticas de governança e a administração dos clubes é bem caracterizada. Segundo Michie e Oughton (2004), a boa governança é essencial para os clubes que queiram ter uma gestão eficaz e também para que eles sobrevivam diante das difíceis circunstâncias econômicas que giram em torno do futebol, e seus estudos indicaram que os clubes em muito se beneficiariam ao seguir as orientações das boas práticas.

No Brasil, o assunto ainda é recente, até mesmo no mundo empresarial, que dirá no meio do futebol. Rezende *et al.* (2009), na intenção de mensurar a aderência de alguns clubes do futebol brasileiro às práticas de governança corporativa, propuseram a criação do IGCCF (Índice de Governança Corporativa para os Clubes de Futebol). O índice foi composto por 50 questões e suas respostas foram retiradas das demonstrações contábeis, dos estatutos e dos *websites* dos clubes. Os autores analisaram uma amostra de 27 clubes brasileiros em 2008, e argumentam que as boas práticas de governança podem orientar o modelo de gestão dos clubes e aumentar a capacidade de agregação de valor ao negócio do futebol.

Paralelamente, aqui neste estudo é proposta a criação do IPGCF (Índice de Práticas de Governança para Clubes de Futebol), que utiliza 18 das 50 questões do IGCCF de Rezende *et al.* (2009). As 18 questões foram selecionadas de forma a permitir que o IPGCF pudesse ser mais objetivo, enxuto e calculado retroativamente, permitindo realizar uma análise em um espaço temporal maior do que o período analisado por Rezende *et al.* (2009). Além disso, a grande inovação desse estudo é analisar, de forma inédita, a relação entre a governança dos clubes de futebol no Brasil e o desempenho financeiro e esportivo destas organizações.

Baseado em uma amostra dos 20 principais clubes de futebol brasileiros no período de 2005 a 2010, os resultados indicam que clubes de futebol com boa governança apresentam melhor desempenho financeiro (faturamento e rentabilidade sobre ativos) e esportivo (quantidade de títulos internacionais, nacionais e estaduais).

O presente estudo está estruturado em cinco capítulos. O segundo capítulo apresenta estudos sobre governança e sua aplicação em clubes de futebol. No terceiro capítulo são apresentados os dados utilizados e a metodologia de pesquisa. O quarto capítulo mostra os resultados obtidos, e o quinto é dedicado à conclusão.